

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes – Campus São Paulo

GABRIELA PEREIRA BUENO

**DIÁRIO DE UM PROFESSOR E REGISTROS DE UM
PALHAÇO:
Quando o nariz vermelho entra em aula**

São Paulo
2022

GABRIELA PEREIRA BUENO

**DIÁRIO DE UM PROFESSOR E REGISTROS DE UM
PALHAÇO:
Quando o nariz vermelho entra em aula**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Arte-Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Carminda Mendes André
Coorientador: Maiquel Cristian Reichert

São Paulo
2022

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp.
Dados fornecidos pelo autor.

B928d Bueno, Gabriela Pereira, 1996-
Diário de um professor e registros de um palhaço: quando o nariz vermelho entra em aula / Gabriela Pereira Bueno. - São Paulo, 2022.
52 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carminda Mendes André
Coorientador: Prof. M.e Maiquel Cristian Reichert
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de
Artes

1. Palhaços. 2. Professores de arte. 3. Aprendizagem. I. André,
Carminda Mendes. II. Reichert, Maiquel Cristian. III. Universidade
Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título.

CDD 791.33

GABRIELA PEREIRA BUENO

**DIÁRIO DE UM PROFESSOR E REGISTROS DE UM
PALHAÇO:
Quando o nariz vermelho entra em aula**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Arte-Teatro.

Trabalho de conclusão de curso _____ em: 17 / 02 / 2022

Banca Examinadora

Prof. Dra. Carminda Mendes André
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP – Orientadora

Prof. Maiquel Cristian Reichert
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP – Coorientador

Prof. Maria Aparecida Ferreira de Almeida
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP

Prof. Felipe Augusto Michelini da Silva
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP

Aos estudantes e professores dos cursos,
das escolas, das universidades e da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha amada mãe, Elaine, por estar sempre comigo me incentivando no caminho da arte e ansiando por minhas palhaçadas;

Ao meu namorado, Nicolas, pelo auxílio, companheirismo e momentos de descontração, necessários para a realização deste trabalho;

À amiga e parceira Jéssica, pela escuta de meus desabafos e disposição para ajudar no decurso desta escrita;

Aos meus amigos que me estimularam com cordialidade e muito bom humor durante este processo;

Aos orientadores que me guiaram com muita leveza e sensibilidade durante este caminho, Carminda Mendes André, Fernando Bueno Catelan e, em especial, Cristian Reichert, por seu apoio e disponibilidade durante todo o processo, tornando possível a concretude desta pesquisa;

A todos os estudantes e professores que conheci e serviram de inspiração para este trabalho.

É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo
provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só
o amor faz o bobo.

Clarice Lispector

RESUMO

A essência do nariz vermelho pode estar presente em muitos espaços, principalmente na escola, quando, por exemplo, um professor desperta o palhaço em si mesmo. Desta forma, este trabalho tem por objetivo apontar semelhanças e pontos de convergência entre a figura do professor e a do palhaço, bem como refletir sobre uma postura palhacesca na prática docente para o processo de ensino aprendizagem. Para isso, tem-se como objeto de investigação a possibilidade de aproximar a postura do professor com a essência do palhaço a partir de registros diários fictícios de um professor de arte, personagem que compartilha, de maneira sincera, as dúvidas, anseios e alegrias que o atravessam em aula. A partir destes registros, estabelece-se uma relação entre a postura deste professor em sala de aula e as características inerentes ao palhaço.

Palavras-chaves: Professor palhaço. Palhaçaria na educação. Professor de arte.

ABSTRACT

The red nose's essence may be present at many places, especially in schools, when, for example, a teacher awakes the clown in themselves. Thus, this work's main purpose is to point out similarities and converging points between the figure of both the teacher and the clown, as well as to consider about a certain clown posture in the teaching-learning process. That being the case, this work's object of investigation regards the possibility of approaching the teacher's posture and the clown's essence from fictitious daily records of an art teacher, a character who shares, in a very honest way, their doubts, aspirations, and joys while in the classroom. From these records, a connection is settled down between the posture of the aforementioned teacher in the schoolroom and the inherent characteristics of the clown.

Keywords: Clown-Teacher. Clowning in Education. Art Teacher.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
APRESENTAÇÃO	12
PRÓLOGO Para início de conversa.....	14
NÚMERO 1 PALHAÇAR E COÇAR, É SÓ COMEÇAR.....	16
NÚMERO 2 DE PALHAÇO TODOS TÊM UM POUCO	21
NÚMERO 3 DE PONTINHO EM PONTINHO, CRIO CAMINHO	25
NÚMERO 4 DA SINFONIA AO JOGO.....	31
NÚMERO 5 QUANTO MAIOR O PALHAÇO, MELHOR O TOMBO	38
NÚMERO 6 O QUE SERÁ QUE VEM AÍ?.....	44
APOTEOSE	49
REFERÊNCIAS	51
NOTA AO LEITOR.....	52

PREFÁCIO

No fundo de uma gaveta, daquelas que enchemos de cacarecos e descobrimos coisas perdidas pelo tempo, que o encontrei. Parecia não querer ser encontrado ou, ao menos, quem o guardou não se lembrava mais do seu paradeiro. Mas ele estava lá, como uma memória que nunca deixamos apagar.

Era um diário. O diário mais singular que já vi. Na verdade, mais parecia um entremeado de folhas perdidas, com muitas anotações: folhas de papel juntas por um remendo de fita adesiva. Um verdadeiro compilado de notas. E foi justamente por seu estado que me pus a ler. Li, despreziosamente, como quem lê papéis achados no fundo de uma gaveta.

Na primeira vez que li, senti o arrependimento de quem, sem intenção, invade a privacidade de alguém. Mas, confesso, minha curiosidade inata não me deixou parar de ler e, assim, na segunda vez, tudo havia mudado... Não era bisbilhotice! Enquanto lia, também sentia as aflições ali contadas. Senti a tristeza, os aborrecimentos, mas, também, vontade de rir! Aquele monte de notas eram de um professor que registrava tudo aquilo que lhe tocava enquanto lecionava: seus anseios, seu cotidiano, sua história.

Assim, eu percebi que era preciso compartilhar o que ali estava, para que mais pessoas pudessem conhecer os registros e memórias curiosamente ingênuas e otimistas de um professor que, embora não soubesse, também era um palhaço!

APRESENTAÇÃO

A figura do professor costuma ser sinônimo de certezas e coerência, longe de enganos. Afinal, aquele que participa da formação de outros indivíduos tem que ir sempre no caminho certo.

Será? Talvez, quando era bem pequenina, eu pensasse desta forma. Hoje, vivendo em meio a práticas pedagógicas, enxergo outras facetas de um professor. Percebo o indivíduo que está por trás da máscara social: um indivíduo passível de erro e que, na sua convicção, procura meios de compartilhar o conhecimento. São nos detalhes dos compartilhamentos que habita a singularidade de cada professor. Vi tudo isso em cada experiência que tive em sala de aula, lugar em que há a mais vasta diversidade de professores! Mas, em todos eles, vi um pouco do palhaço. Isso mesmo, palhaço! E explico! Falo do palhaço para além do nariz vermelho, mas como atitude audaciosa de ser no mundo. Com toda a sua ingenuidade, o palhaço tem, por natureza, o erro e a curiosidade como elementos principais. Coloca-se em situações sem vergonha do ridículo e com muita curiosidade. E é desta forma que arrisco mostrar neste trabalho as similaridades que encontro nessas duas figuras!

O que me motiva a escrever sobre estes dois universos são minhas inquietações que surgiram em minhas vivências no campo da docência e da palhaçaria - e, sobretudo, por conta da minha percepção curiosa sobre as coisas - e, também, por poder aproximar estas figuras acreditando que o riso é uma das pontes que as unem.

Sempre penso que um professor pode ter muito de um palhaço, mesmo que não o saiba. Pode ser como um palhaço, explicar como um palhaço e jogar como um palhaço e, mais: sem muitas vezes se dar conta de que possui dentro de si a menor máscara do mundo. Às vezes essa percepção pode vir de fora, e quem nos observa nos vê como um palhaço, e não falo de forma pejorativa, ao contrário! O palhaço aqui é uma emanção legítima de generosidade - virtude indispensável para a docência. Por este motivo, escolhi compartilhar alguns registros de um professor sem consciência de sua condição palhacesca, mas que, de maneira inocente, esboça situações corriqueiras e inerentes à prática educativa.

Por tudo isso, decidi organizar este trabalho como um roteiro de espetáculo em aula! Com sua abertura no prólogo¹, apresento um pouquinho mais cada uma dessas figuras, para que, assim, possamos acompanhar a sequência esquemática de números² de professor palhaço em sala de aula. No primeiro número, falo sobre quem é este professor afinal, e, no segundo, iremos refletir sobre a pluralidade de professores (e palhaços!) dentro da escola. Recebido os números de apresentação, no terceiro encontraremos este professor em ação, onde destaco as características necessárias para dar início ao jogo em sala de aula. O jogo, então, será delineado no quarto número, com todas as semelhanças de um jogo estabelecido pelo palhaço em cena. Já no quinto número, exploro as possibilidades que o jogo pode proporcionar, e, no sexto, identifico essas possibilidades como movimento imprescindível ao andamento das aulas. Chegaremos, portanto, à apoteose³, momento em que retomo os números apresentados em registros para que estabeleçamos uma reflexão a cerca da prática educativa.

Assim, a partir deste trabalho, apresento as linhas de intersecção entre o ofício professor e o ser palhaço - ou aquilo que acredito ser um ponto em que essas figuras se aproximam, se esbarram e se condensam, e em como as duas, decerto, se completam. Aqui reflito sobre isso, tendo as memórias e registros de um professor como pano de fundo, e convido você, leitor deste trabalho, a refletir comigo sobre a postura desse professor com um olhar lúdico e crítico! Talvez estes registros também resgatem as suas próprias lembranças, evocando o palhaço que você foi ou que poderia ter sido, como um exercício de percepção de si. Faço, ainda, um pedido: que entremos nos próximos capítulos assim, despidos da casca formal que nos molda segundo as necessidades sociais e revelando nosso ridículo ao mundo!

¹O prólogo corresponde ao texto inicial utilizado para estabelecer o que será abordado em um texto teatral ou espetáculo, como forma de introduzir o enredo.

²Os números são equivalentes aos capítulos, e foram escolhidos para compor este trabalho, pois fazem alusão aos números de palhaço em um espetáculo circense.

³A apoteose se trata do momento final de um espetáculo, evidenciando o ápice na finalização gloriosa. Neste trabalho, equivalente às considerações finais.

PRÓLOGO

Para início de conversa...

Não por coincidência, professor e palhaço começam com a mesma letra. Não digo que signifiquem a mesma coisa, mas que, talvez, intuitivamente, carreguem consigo um radical comum. Radical este que está para além da morfologia das palavras, e que se expressa de maneira sutil em seu estado de ser e estar.

Percebo tudo isso quando leio estes registros e encontro em cada memória compartilhada algum detalhe que me leva ao palhaço, seja por algum acontecimento ou forma de agir e pensar. Assim, intento-me a pensar que nada disso seja por acaso: há algo substancial entre a arte do palhaço e a arte docente. É desta forma que pretendo dar continuidade em nossa conversa, com idas e vindas entre as duas figuras, aproximando-as em diversos momentos, sublinhando suas semelhanças e compartilhando, também, a sensação que estes registros me provocam.

Antes mesmo de compartilhar essas memórias e transitar por essas figuras, gostaria de dar luz a cada uma delas e esclarecer alguns pontos, para que seja possível delinear melhor as reflexões que apresento neste trabalho.

Falo, então, sobre o palhaço, figura que se manifesta desde períodos mais remotos da história, em diversas culturas e épocas, a começar de rituais sagrados, bobos da corte e saltimbancos, e que culminam no circo. No Circo Moderno² o palhaço ganha destaque, incorporando diferentes números e habilidades, aproximando-se ainda mais da figura-imagem do palhaço que temos hoje. Aquele mesmo, com o rosto esbranquiçado e nariz vermelho!

O palhaço tem um único objetivo: buscar o riso da plateia. Para tanto, faz uso de um figurino próprio e característico, de uma máscara/maquiagem e das expressões corporais e vocais. [...] Os recursos preferenciais do palhaço são o seu próprio corpo, mascarado e vestido, de modo aberrante e rudimentar, visando a exploração do ridículo (BOLOGNESI, 2003, p. 174).

² O Circo Moderno europeu tem sua formação atribuída a Philip Astley, após a Revolução Francesa, marcado pela presença dos hipodramas ou dramas equestres, onde o cavalo era a figura principal.

Possuidor de vários nomes, como palhaço ou clown, e sempre capaz de executar as mais variadas bobices com maestria. Não tenho como objetivo definir conceitualmente cada um de seus nomes, até porque, neste trabalho, esses nomes convergem em um mesmo ponto. Logo, me proponho a dar apenas aberturas sobre os diversos nomes deste “ser” palhaço, não o categorizando de forma inflexível e definitiva, mas sugerindo uma reflexão sobre estes diversos nomes que remetem ao fazer rir. Além disso, o que eu falo aqui é a partir de suas características mais fundamentais, sobretudo, sua inocência, inclinação ao fracasso e possibilidade de transgressão de valores sociais, pois aí reside sua proximidade com o professor.

De fato, o professor também tem um surgimento longínquo, mas não me apegarei a este detalhe. O que trago é a postura de um professor, figura que ensina e instiga ao conhecimento. Quando se pensa em um professor, logo se associa à uma imagem de postura austera e assertiva. Nos apegamos, muitas vezes, à sua função e objetivo, como se o sobrenome daquele professor fosse o assunto sobre o qual ele domina. Considerando essa associação da figura com sua função, esquece-se, na maioria das vezes, suas singularidades enquanto pessoas. Compreendendo que são nas singularidades que vivem as características mais humanas, a pergunta é: quem é cada professor? Quando há espaço para o professor mostrar-se e, conseqüentemente, arriscar-se à falha, como pensamos este professor?

Se levarmos em consideração o formato de ensino de nossas escolas, percebemos ainda mais forças coercitivas na educação. Quando aproximo a figura do palhaço à figura do professor vejo uma soma facilitadora da prática educativa. Tomo como exemplo os registros que aqui compartilho, evidenciando que a humanidade vivente no palhaço é uma possibilidade de transgressão em sala de aula.

NÚMERO 1

PALHAÇAR E COÇAR, É SÓ COMEÇAR

Terça-feira, 30 de setembro.

Hoje foi mais um daqueles dias difíceis. Fez muito calor e, quando isso acontece, sei que o negócio vai ficar feio. Dito e feito! Além disso, também passei um bocado de nervoso até chegar na escola. Somando tudo, não deu outra... Me cocei a tarde inteira.

Por um momento havia me esquecido do quanto coçava, mas, hoje, lembrei até do primeiro dia que a coceira apareceu... Ahhh, como eu fui inocente! Estava no banho e veio uma coceirinha no sovaco, daquelas que dá gosto de coçar. Só estranhei porque não é um lugar que eu coço sempre, né? Daí achei normal, até que comecei a coçar de novo, depois do banho. Logo pensei "estou com micose! Preciso cuidar disso!".

Entre idas e vindas dos médicos, a coceira foi aumentando e já não dava mais pra esconder! Comecei a me preocupar bastante, afinal, como eu poderia chegar nos lugares coçando desse jeito? E aí foi, coçava nos lugares mais escondidos do meu corpo, ou, melhor dizendo, nos lugares mais tabus. Agora a virilha coçava, o umbigo coçava, a traseira coçava e as axilas, então, não tinham um minuto de paz!

Falo isso mas nem ligo mais. Acho que quando assumi a coceira, passei a me coçar melhor. Está até mais

satisfatório! Como eu dizia, hoje mesmo entrei na sala coçando a axila esquerda com a mão esquerda (é uma das técnicas que desenvolvi em anos de coça-coça). Não estava nem aí! Se fosse há um tempo atrás ia me preocupar bastante, pois os alunos não perdoam uma - e nem os professores! No passado, eu ficava pensando que tipo que respeito me dariam com um comportamento excêntrico daqueles. "Coçar o braço até vai, mas coçar o cofrinho? Ai não tem como!"

Mas tem sim! A gente vai dando um jeito pra coçar e, mesmo quando não dá, eu pego e falo "é culpa da doença de Jaspershausen!"

Ahhh, tá aí mais uma lembrança engraçada! Um dia eu resolvi falar pra sala toda o porquê de eu estar me coçando tanto (ninguém perguntou, né? Mas falei mesmo assim). A sala toda ficou séria e os alunos ficaram assustadíssimos com o nome da doença. Perguntaram que professor iria entrar pra me substituir depois que eu fosse dessa pra melhor. Falei o que era, que não era letal, e que, às vezes, batia uma adrenalina e eu precisava coçar pra valer. "Ah, por que não falou antes que estava com sarna?"

Não falei que eles não perdoam? Depois disso ninguém conseguia mais lembrar o nome direito e, desde então, chamam de Jaspershausen porque era mais fácil falar desse jeito.

Eita, dei toda essa volta só pra dizer de novo que meu sovaco esquerdo coçou demais hoje. O direito também coçou, mas minha mão direita estava muito ocupada vistando cadernos. Ontem propus uma atividade com

desenho em perspectiva e hoje resolvi visar. Os desenhos ficaram muito bons, acho que eles se empolgaram porque me disseram depois "nós não queremos ficar só com o quarto do Van Gogh! Queremos ver outros lugares da casa dele". Eu entendi o que eles queriam dizer e agora já me programei para apresentar obras de outros artistas que pintam em perspectiva também. O 3º ano é muito exigente!

—

Quando encontrei esses registros, tive a certeza de que precisava compartilhar este primeiro, pois encontrei aqui uma ótima confissão! Nada mais justo do que iniciar esta reflexão falando sobre quem é este professor, pois é a partir daí que comecei a enxergar as "nuances palhacescas".

Em sua confissão, ele percorre suas recordações para expor algo muito particular e curioso: sua coceira. E assim é, uma coceira que aparece quando a "adrenalina bate", não importa o lugar em que ele esteja. Mas, em sua confissão, percebe-se o receio por suas coçadinhas insuspeitas, e, para aliviar, ele coçava. Coçava muito, mas coçava na sombra. Na sombra do que se pensa ser inadequado em público, na sombra daquilo que não se deve ser visto... Coçava na sombra do ridículo. Isso porque as máscaras sociais tendem a nos fazer sentir sempre no dever de seguir uma determinada convenção, obrigando-nos, de certa forma, a nos preocuparmos com os olhares que nos cercam e, inclusive, com os nossos próprios olhares sobre nós mesmos.

Mas este professor se coloca à prova e arrisca o desvelar do nariz de palhaço dentro da sala de aula. Vejo que aí tem início um aspecto importante quando passamos a olhar este professor com um olhar mais lúdico (e palhacesco!), que é o desapego à sua postura de sério. Ao expor sua fragilidade, ele se desvencilha de uma certa seriedade, recuperando, também, sua individualidade e, nas brechas, deixa o riso escapar. Esse processo começa a partir de um outro olhar sobre si mesmo, um despreendimento, em que a exigência é não levar tudo tão a sério. Quando há uma

certa renúncia de tamanha pomposidade, o riso aparece, e por que não enxergar neste riso uma potência à prática educativa?

A ideia, portanto, é pensarmos em um riso que não suprima o sério, mas que possa compor com ele, propondo a construção de pensamentos, percepções, e imagens que deem subsídios à formação do indivíduo. Como diria Jorge Larrosa (2003) em *Pedagogia Profana*:

Nem exterioridade, nem barreira de proteção, nem oposição: composição. Gostaria de falar do riso como componente do pensamento sério. Não como aquele que se produz quando o pensamento sério descansa; tampouco como o componente que se defende da seriedade do pensamento; nem, sequer, como aquele que luta contra o pensamento sério. O riso que me interessa aqui é aquele que é um componente dialógico do pensamento sério. É um elemento essencial da formação do pensamento sério. De um pensamento que, simultaneamente, crê e não crê, que, ao mesmo tempo, se respeita e zomba de si mesmo. (...) De um pensamento móvel, leve, que sabe também que não deve tomar, a si mesmo, demasiadamente a sério, sob pena de se solidificar e se deter, por coincidir excessivamente consigo mesmo. (LARROSA, 2003, p. 170).

Pode haver uma estranheza quando lemos ou presenciamos situações como a deste professor, e essa estranheza, travestida de pomposidade, na realidade não é estranha. E assim explico: por fugir de um padrão esperado, destoando com um sintoma tão simples, mas exacerbado, e que nos coloca em pé de igualdade – quem não se coça, afinal? – é que esta coceira é dada como estranha. Mas este é um estranhamento cômico. O riso, por vezes, surge da incredibilidade da ação em circunstâncias não esperadas – e também mal vistas!

A coceira, reação tão simples, abala qualquer máscara social que alguém se atreva a colocar. É possível alguém que coça a virilha durante a apresentação de uma aula ser levada a sério? Oras, não existe posição social que se sustente com uma coçadinha em público. A coceira é o incômodo que oscila entre o sério e o ridículo. Não tem hora nem lugar e, no mais, é conhecida por todos. Isso revela uma potente afirmação de Lecoq (2010, p. 213): “Somos todos clowns. Achamos que somos belos, inteligentes e fortes, mas temos nossas fraquezas, nosso derrisório, que, quando se expressa, faz rir.”

Eis, então, a necessidade do desprendimento da seriedade, sendo o riso seu provocador e objetivando a libertação de uma máscara social que nos impede de transgredir a formulação do pensamento e a possibilidade do devir. É a partir deste desprendimento, que nos traz mobilidade, que revelamos nossa individualidade e, por

consequência, arriscamos nosso ridículo, tal como este professor. Suas coçadinhas dão lugar, de maneira natural, ao despertar de seu lado palhacesco.

Por este motivo reafirmo a figura do palhaço como provocadora da ruptura da pomposidade forçosamente formal. O nariz do palhaço propõe um resgate à individualidade e anuncia a necessidade de subversão de determinadas condutas sociais, tornando-se uma figura intentada a questionar os hábitos e lugares comuns das relações humanas. Um professor que revela sua coceira ao mundo também se desprende da sua máscara social de professor, acolhendo seu próprio ridículo. A coceira como evocação do nariz vermelho!

NÚMERO 2

DE PALHAÇO TODOS TÊM UM POUCO

Sexta Feira, 10 de junho.

Não sei se é porque é sexta, mas, de sexta, eu escuto cada coisa na sala dos professores...

Eu tenho uma janela enorme entre a segunda e a terceira aula, daí fico na sala dos professores mesmo. Às vezes os professores estão mais agitados que os alunos, nem eu consigo acompanhar o que eles estão dizendo. Sei que tem professores que não gostam de se misturar, ficam escondidos pela escola fazendo sabe-se lá o que.

Mas, como eu disse, a sexta-feira é o dia mais maluco. Tem uma professora, Nilce o nome dela, (ainda bem que ela não me dá aulas porque, minha nossa!) que quando ela está calma parece que está dando bronca, e quando está dando bronca, você torce para que esteja calma. Aos poucos você entende o jeito dela, mas não é fácil. Hoje ela dá aula para o 6º ano, e toda vez que ela dá aula lá, ela volta muito estressada. Teve quem se arriscou a falar algo pra ela se acalmar, "Não foi isso que nosso amigo Paulo Freire nos ensinou", mas só faltou ela jogar um caderno pelos ares.

Quem trouxe um café pra gente hoje foi a Dona Ana, ela é muito querida e trabalha na escola há muito tempo. Quando ela traz café, a gente sabe que vai vir acompanhado de uns pãezinhos, o que já não é tão bom, porque tem uns

professores bem gulosos. De sexta-feira temos que comer rápido também, é uma das coisas que aprendi.

Depois que o café estava na mesa, eu me sentei e peguei uma xícara com um pãozinho e, em seguida, o Fábio sentou do meu lado. O Fábio, que é professor de geografia, veio me contar que deu uma de artista hoje. Ele disse que estava muito cansado, daí usou a expressão "estar no bico do corvo" com os alunos, que não entenderam nada. Então ele resolveu desenhar na lousa ele mesmo em cima do bico de um corvo imenso. Tirou foto do desenho e tudo pra me mostrar, parece que ele ficou muito orgulhoso. E não é que ficou bom mesmo?

Tomei meu café e, depois de falar com o Fábio, eu levantei pra sentar no cantinho da sala e arrumar umas coisas no diário. A verdade é que eu tentei, mas toda vez que o Thyago entra na sala dos professores ele começa falar bem alto as histórias mais cabulosas que ele passou na escola. Eu só consigo pensar "ainda bem que não foi comigo, né?". Esse homem conta cada peripécia... o pior é que ele realmente é um professor de história!

Arrumar os diários das turmas deixam todos atrapalhados... Mas comigo não é assim! Ah, não! Eu só preciso ter um corretivo pra quando eu errar umas coisinhas. Só que hoje eu não contava que iria trocar as turmas, e olha que eu separei cada turma com um papel de cor diferente. Não sei onde estava com a cabeça quando troquei o rosa pelo verde. Nenhum corretivo ia cobrir aquilo.

Aí, tive uma ideia sensacional! Ia colar um papel em cima do outro, ninguém ia notar meu truque. Só não consegui

colocar a ideia em prática porque não achava mais papel verde. Acabei desistindo e fiz as anotações tudo de novo, dessa vez do jeito certo, o rosa no ~~verde~~ rosa e o verde no verde.

Enquanto eu arrumava os diários, começaram a agitar um encontro entre os professores para amanhã. Essa é mais uma característica das sextas-feiras. Eu neguei o convite dessa vez, falei que tinha que fazer companhia pra minha cachorra. A pobrezinha não pode ficar sozinha. E é verdade mesmo! Todo mundo achou que era mentira, por que será?

—

Distanciando-se da ideia de seriedade de um professor, aqui, chamo atenção para a pluralidade de palhaços que podemos ter conhecido, retomando o registro e nos recordando de tantos professores que já encontramos em nosso caminho. E repito, não afirmo que todos os professores são palhaços, nem mesmo estes que tomamos conhecimento, mas instigo a uma reflexão acerca de docentes díspares! A partir dessa percepção de unicidade de cada professor, fica ainda mais fácil assimilar o processo de desprendimento das máscaras sociais, evidenciando, assim, as características particulares de cada um.

Em paralelo a questão de características que tornam cada professor único, retomo à figura do palhaço. Embora todos os palhaços tenham semelhanças entre si, cada qual é único. Mesmo com indumentárias semelhantes, “a máscara do palhaço é individual e carrega características que o artista imprime a personagem”, como afirma Bolognesi (2003, p. 179). Suas características particulares o fazem único, principalmente seu ridículo. Em sua trajetória de pesquisa sobre máscaras e a expressão do corpo do ator, Jacques Lecoq (2010, p. 214) também reitera o caráter unicidade de cada palhaço, alegando que “a pesquisa do clown próprio de cada um é, primeiramente, a pesquisa do seu próprio clown, de seu próprio ridículo. [...] Deve descobrir nele mesmo a parte clown que o habita.” Ainda durante sua pesquisa, Lecoq

exalta o desvelar do nariz vermelho como possibilidade de desapego da máscara social sustentada por cada indivíduo, revelando, assim, seu ridículo pessoal:

Ao longo das primeiras experiências, constatei que alguns alunos, cujas pernas eram tão finas que nem ousavam mostrá-las, encontravam no clown uma possibilidade de exibir sua magreza e de jogar com isso, para grande prazer dos espectadores. Podiam, enfim, existir tal como eram, com inteira liberdade, e fazer rir. Essa descoberta, da transformação de uma fraqueza pessoal em força teatral, foi de tanta importância para a definição de uma abordagem personalizada dos clowns, para uma pesquisa "de seu próprio clown", que se tornou um princípio fundamental (LECOQ, 2010, p.214).

O que digo com tudo isso? Não existe uma fórmula determinada ou que defina características específicas para um professor que também seja palhaço, e isso dá margem para que compreendamos um ponto importante destas reflexões: é em sua particularidade, seu jeito próprio de andar, falar e lecionar que reside sua potencialidade! Pensando que cada palhaço é único, cada professor também é, mesmo que tolhido por sua máscara social. E em sua licença de ser quem é, o professor também é capaz de emanar, de maneira legítima, qualidades peculiares ao palhaço, salientando aquilo que o faz humano.

E, como não acredito que só as particularidades inerentes a cada pessoa por si só possam definir um "professor palhaço" - ou, no caso, justificar este professor como tal - proponho-me a ir além relacionando mais pontos de convergência entre características próprias à figura do palhaço - e também do professor! Agora, com esta abertura à pluralidade de professores, em que cada um revela as características que o tornam único, dou um passo adiante esmiuçando mais semelhanças que encontro nestes registros, afinal, a curiosidade também é nossa parceira durante o percurso!

NÚMERO 3

DE PONTINHO EM PONTINHO, CRIO CAMINHO

Segunda-feira, 01 de agosto.

A turma do 2º ano do fundamental sempre foi um desafio quando o assunto é sala de aula. Era só eu entrar que a gritaria começava. Se fosse há algumas semanas atrás, certamente eu teria mais dificuldades, mas, depois que eu apresentei meu amigo pontinho para eles, tudo ficou mais divertido. Preciso dizer que o pontinho tem sido meu aliado nas aulas com a turma, Talvez ele seja uma espécie de mediador entre a gente, não sei direito. Só sei que, quando o pontinho dá as caras, a turma bate até as palminhas como parte da recepção.

Hoje eu cheguei na correria pois havia deixado em casa um estojo de tintas, e isso me aborreceu um tanto, daí também me distraí pensando no que eu poderia propor, já que esqueci o principal item da aula (ou aquilo que eu achei que fosse, né?). Eu não gosto de esquecer as coisas!

Como eu estava na maior distração, só entrei na sala. Notei que todos me olhavam, mas ninguém falava nada. Vi um monte de olhinhos me acompanhando até que eu sentasse em minha mesa. "ué, será que me sujei?", pensei um monte de coisa, tentei lembrar se tinha ido ao banheiro (aí lembrei que sim e gelei um pouquinho), o que comi de manhã (vai que meu rosto estava sujo, né?) enfim!

Foi então que o Nicolas levantou e veio na minha direção. Não lembro se já falei sobre ele, mas temos uma história legal juntos. Na verdade, temos várias, mas a que eu mais gosto é esta. Ele sempre teve bastante dificuldade nas aulas, se jogava no chão e tudo mais. Confesso que não sabia como seriam as aulas com ele, mas, tem coisas que só descobrimos quando acontecem! Em um desses dias que ele se jogou no chão pra não fazer a atividade, eu resolvi ir pro chão com ele. Aí eu falei: "o que tem aqui no chão, hein?" e comecei a procurar alguma coisa que nem eu sabia o que era. Ele nem deu bola, foi aí que achei um pontinho de sujeira. Coloquei meu ouvido bem próximo e nós (eu e o pontinho) começamos a cochichar baixinho uns segredos. O Nicolas ficou doidinho pra saber do que ríamos tanto, então eu disse que o pontinho estava me contando várias coisas engraçadas que tinham acontecido nas aulas. Aí o Nicolas resolveu colocar a orelha lá pra ouvir também. Depois de um tempo de silêncio, deu um sorriso de ponta a ponta. Ele também ouvia o pontinho e riu tanto que até se levantou. Foi correndo pela sala apresentar o pontinho para os colegas. Nem todos ouviram o que o pontinho tinha a dizer, mas o acharam bem simpático.

Aí, como eu falei, o Nicolas já não fica no chão como ficava antes. Hoje, por exemplo, ele estava na carteira e, como eu dizia, foi até mim e perguntou bem bravo: "POR QUE O PONTINHO NÃO VEIO???"

Foi aí que me dei conta que não havia convidado o pontinho para entrar. Rapidamente, peguei um giz e fui lá na lousa colocar o pontinho. Dessa vez ele tinha ficado mais

gordinho do que nas últimas vezes em que apareceu, mas ninguém ligou. Comemoraram com mais animação que o habitual, e o pontinho ficou até corado e disse que ficaria ali até o fim da aula! Ele pediu para que a gente desenhasse com giz de cera vários outros pontinhos reunidos, como se fossem seus parentes em uma festa.

De agora em diante não posso me esquecer do pontinho, os alunos até me dão bronca, o que na verdade nem ligo, assim eles me ensinam bastante. Nem usamos tinta hoje. Descobri que o principal item já estava ali: a gente (e o pontinho)!

—

Quando penso no palhaço, sinto-me com liberdade para pensar de forma lúdica e pueril. Com ele, existe uma possibilidade de criação a partir de sua inocência, em que o que é feito ou falado é entendido ao pé da letra. O sério também pode ser brincadeira, e a brincadeira pode ser capaz de alcançar e conectar diversos mundos. O palhaço intervém na realidade concreta de tal forma que se torna capaz de gerar sua realidade alterada. Em sua realidade, todas as possibilidades são possíveis!

Palhaços trabalham com a inversão da ordem cotidiana, da lógica, das convenções. Seu mundo é um “mundo ao contrário”, onde a anarquia, a irreverência, o erro e o absurdo estão na ordem do dia. Neste mundo de faz-de-conta não há limites para a criatividade (CASTRO, 20, p.109).

E deste professor que temos registro, a ludicidade é sua grande aliada. Durante uma aula, ele cria seu próprio mundo de faz de conta. Destrói a lógica professoral indo ao chão, procurando algo que não sabe ao certo o que é, e nem sabe se realmente encontrará alguma coisa. Mas lá está ele, entregue à sua brincadeira e em estado de disponibilidade ao outro. Quando menos se espera, encontra um pontinho, como uma sujeirinha. Se aquele pontinho se trata de um farelo, poeira ou recorte de papel, pouco

importa. O que de fato importa são as fofocas que o pontinho conta - e toda a lógica em sala de aula transformada.

O lúdico surge, então, a partir de uma ação espontânea, em que professor e aluno estão em uma relação horizontal, em que o “mundo pessoal” do aluno se contamina pelo “mundo pessoal” criado por este professor. Assim, a criança entra na brincadeira, não por obrigação, mas por se identificar com uma leitura mais lúdica do mundo. A brincadeira tem continuidade envolvendo a turma toda. O que temos em registro é como toda sua história com o pontinho começou e como vem sendo mantida e nutrida pelos alunos. Interessa-nos, agora, é o que se constrói a partir da ludicidade. Não só a ideia do pontinho, mas todas as relações e associações feitas a partir dele e a possibilidade constante de transformação do mundo. Tal como o palhaço, o professor é capaz de modificar a realidade a partir de elementos externos transformados.

O palhaço não se conforma com a realidade dada e nunca a toma como definitiva. Através da livre associação de imagens e símbolos, ele joga com os objetos e palavras, recriando seus usos e significados. Vassouras viram cavalos, espadas, ou garbosos pretendentes. Funis e penicos são chapéus, enquanto guardanapos de papel podem virar uma deliciosa refeição (CASTRO, 2019, p.109).

Vou me apegar agora à intervenção lúdica em sala de aula como um todo: no momento em que este professor dá abertura para a ludicidade em suas práticas docentes de maneira genuína, assemelha-se à inocência do palhaço e seu mundo transfigurado. A ludicidade, inerente ao palhaço e potência criadora para o professor, possibilita as mais diversas experiências em sala de aula.

A percepção do mundo de forma lúdica estimula a curiosidade e contribui no processo de ensino e aprendizagem. Isso não se restringe apenas ao 2º ano, como é o caso deste registro, e deve ser encarado como possibilidade de formação de conhecimento. E não falo aqui de um conhecimento posto como educação bancária³, mas como um conhecimento que tem sua construção instigada pela curiosidade e fomentada por um professor que também ofereça subsídios para tal construção. Isto

³ Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, emprega o termo “educação bancária” para um modelo de educação que parte do pressuposto de que o aluno é vazio em saberes, enquanto o professor é o detentor do conhecimento. Assim, tal como em um banco, o professor deposita seus conhecimentos como forma de preencher os alunos, criando uma relação vertical entre educador e educando.

é, um professor que apresente possibilidades de construção tendo em vista as condições, interesses e realidade do aluno.

[...] Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2002, p. 21).

Neste registro, percebemos a ludicidade como um caminho possível à construção de conhecimento. Elenco, também, a curiosidade como propulsora desses processos. O palhaço tem a curiosidade em sua natureza: ele procura, investiga, distrai-se por um momento, e tenta novamente. Seu jogo é movido por suas curiosidades. Em paralelo, o professor caminha ainda em duas vias: trabalha sua própria curiosidade enquanto instiga a curiosidade nos alunos. Nesse processo, nenhuma curiosidade é tolhida, mas sim legitimada, atuando na formação de novos conhecimentos. Logo, é necessária, como elemento preliminar da relação, a curiosidade do próprio professor! Se não há um movimento de relação das curiosidades, se não há espaço para que elas se estabeleçam e gerem novos questionamentos, não há condições efetivas de construção do conhecimento.

Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, em consequência, a do educador. É que o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade. Nenhuma curiosidade se sustenta eticamente no exercício da negação da outra curiosidade (FREIRE, 2002, p. 33).

Tanto a curiosidade do aluno quanto a do professor são estimuladas no percurso das aulas. Elas caminham de mãos dadas, sempre em articulação. Sem este pressuposto, a construção do conhecimento é inviabilizada. Para o palhaço a curiosidade tem um lugar semelhante: sua própria curiosidade, um de seus elementos propulsores, também estabelece conexão com a curiosidade de todos os envolvidos no jogo palhacesco, sejam eles outros palhaços ou plateia. Sem esta relação, o jogo não acontece.

Assim, delimitamos que a curiosidade é elemento imprescindível para a docência e para o jogo do palhaço. Ela está no âmago do movimento, do buscar e do

construir. O pontinho é, literalmente, um ponto que revela a ludicidade como possibilidade de criação e relação, e também a curiosidade, para que esta ganhe espaço e seja capaz de desbravar e conectar todos os mundos!

Ao relacionarmos a ludicidade e curiosidade como elementos operantes, a criatividade permeia todos os processos de jogo e prática educativa. Este professor, que de maneira criativa se reinventa, propõe o jogo e brinca, está estimulando a curiosidade, e o caminho oposto também é verdadeiro: conforme pensa criativamente, criando e inovando, dá espaço para que entre ainda mais no campo da busca e da indagação, logo, “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (FREIRE, 2002, p.16). O professor pensa em sua aula criativamente, enquanto o palhaço, criativamente, rascunha seu mundo, e rascunha porque não é definitivo, é transmutação. Em ambos, a criatividade é sua potência.

Como já falei algumas vezes sobre jogo, sinto que é chegado o momento de avançar um pouco mais! Agora que já conhecemos um pouco mais sobre este professor e como age em sala de aula, arrisco-me a pensar no jogo que se estabelece durante sua prática docente. Tendo como elementos precípuos a ludicidade, a curiosidade e a criatividade, quero compartilhar o que penso quando percebo o jogo em sala de aula, e dou caminho para que o nariz vermelho vá na frente, pois de jogo ele entende muito bem!

NÚMERO 4

DA SINFONIA AO JOGO

Quarta-feira, 24 de agosto.

Hoje os alunos vieram correndo me pedir ajuda! Eu mal cheguei na escola e tive uma recepção agitada. Não tinha dado o horário da minha aula, mas já disseram pra eu me preparar. A aula deles seria a última, então imagine a ansiedade que fiquei. Passei a tarde imaginando que tipo de situação seria essa. Comecei a me coçar e só parei quando a última aula começou.

Quando entrei na sala do 4º ano estavam todos aflitos. Isso aumentou ainda mais minha aflição. "Oh não! Nós até provocamos a coceira!", disse um dos alunos. Pronto! Eu havia entregado minha ansiedade!

No fundo da sala alguém tomou coragem e falou bem alto: "Nós precisamos de ajuda... Não entendemos nada da aula passada! Pode falar tudo de novo?" É lógico que eu podia, né? Mas eles não imaginavam isso. Disseram que estavam com medo de pedir porque quando isso acontecia na aula da Nilce, ela dificultava as coisas ainda mais, daí era mais fácil fingir que estavam entendendo. Poxa, achei bem chato. Depois também pediram desculpas por me compararem com a Nilce, e colocaram a culpa nos óculos que usamos. Realmente, nossos óculos são bem parecidos.

Na semana passada tivemos aula sobre alguns elementos musicais. Foi uma aula bem teórica e rápida.

Apresentar um conteúdo teórico em uma aula só, sempre é um desafio. Eles queriam saber a diferença entre ritmo e melodia, timbre e volume, e tudo mais. Foi aí que eu tive uma ideia para acalmar os ânimos! Nós íamos escutar umas músicas que a turma conhecia para que fizesse sentido pra todos na prática. Ahhh, a aula virou um festival de música! Todos compartilharam seus gostos e pudemos ver os elementos em cada uma das músicas. Os professores que passaram na porta fizeram uma cara desconfiada, mas nem liguei.

Estava tudo dando certo, até que começou um alvoroço no fundo da sala, que logo tomou conta da sala toda. Tive que interromper tudo para ver o que estava acontecendo. Parece que alguém comentou que gostava do cantor Latino, daí outro aluno perguntou se era uma banda de cachorros e começou a latir na sala. Aquilo tomou um rumo bem doido. Contaminaram a sala toda e, de um festival de música, fomos para um zoológico.

De repente tentaram imitar um urubu, mas não sabiam que som o urubu faz. Eu muito menos. No minuto seguinte a turma toda discutia sobre os urubus! O tempo estava passando, o fim da aula chegando e a coceira voltando! Precisava encerrar o conteúdo sobre teoria musical, e estava prestes a fazer isso, quando a Jéssica, uma aluna que fala pelos cotovelos, contou suas experiências com os urubus na praia. Ela afirmou, categoricamente, que eles são mudos e, se você correr atrás deles, eles fogem de ladinho. Juro que tentei imaginar uma cena dessas na praia.

Tinha dado o horário, então só consegui propor uma continuação para a aula seguinte. A ideia é fazer uma sinfonia com a sala toda! Percebi que todos se animam quando criam o próprio som. O 7º ano é uma caixinha de surpresas e eu sempre tento acompanhar as voltas que eles dão. Hoje eles vão pra casa pesquisar alguns sons para a próxima aula. Já eu, estou pesquisando o som dos urubus - e porque diabos fogem de ladinho!

—

Ao entrar em uma sala de aula, tudo é possível! Muitas vezes não se consegue prever que uma aula teórica sobre elementos musicais possa se transformar em uma aula de imitação de animais. Independente de escolhas, esses caminhos são criados a partir das relações em sala, entre o aluno, o espaço/objeto de estudo e o professor. Tudo é passível de transformação e, em sala de aula, esta é uma variável do jogo. Jogo este que percebo em vários momentos nos registros: o jogo dentro da sala de aula!

Vou, aos poucos, analisando aspectos que me instigam a chamar a relação em aula como “jogo”, e um jogo que se mostra provocativo e relacional, muito semelhante ao jogo do palhaço, afinal, “palhaços estão sempre jogando, seja na inversão da ordem estabelecida, seja na relação com o público ou no trato com os objetos de cena.” (CASTRO, 2019, p. 108). Quando encontro as características inerentes ao jogo do palhaço neste professor, reforço a ideia de aproximação das duas figuras sobre uma perspectiva correlata. Tendo como ponto de partida os elementos que destacamos anteriormente, como a ludicidade, curiosidade e criatividade, delimito como necessidade preliminar a presentificação no espaço-tempo presente para que este professor jogue com a turma!

Imagino que tal constatação possa ter soado óbvia, mas de fato não é! Esta é uma necessidade imprescindível para que o jogo aconteça. Quando não há percepção do entorno e todas as suas sutilezas, deixa-se escapar tudo aquilo que possa vir a compor com o jogo. A presentificação é a anulação da ação mecânica - em cena e em

sala de aula. A apreensão de detalhes cotidianos torna possível um olhar único a cada acontecimento. O palhaço, que se coloca em cena, deve estar atento ao mínimo detalhe que apreende dos elementos em cena e da plateia. Seu jogo parte do pressuposto de que a presentificação e constante atenção é parte componente de sua dinâmica, e que isso viabiliza as mais diversas criações. Denotando, portanto, que “cada apresentação está sujeita a diferentes condições de realização e recepção, e promoverá um novo acontecimento. Assim, os espetáculos não se repetem, gerando, a cada vez, novas interpretações e sentidos.” (CASTRO, 2019, p. 103).

Presente no espaço-tempo e em estado de atenção com o outro, o palhaço trabalha com o inesperado. Isso não significa a anulação de seu roteiro de ações, ao contrário, oferece uma abertura para potencializá-lo a cada apresentação. Tal como o professor, que planeja sua aula, é questionado pela turma e toma outro caminho. Não bastando um caminho alterado, este mesmo caminho sofre novas bifurcações, gerando outros caminhos e levando a outros lugares do conhecimento. Assim como o palhaço, é necessário que o professor esteja presente — e disponível — para que consiga lidar com o imprevisto em sala de aula.

Dada a semelhança entre o planejamento necessário à docência e ao palhaço, estando suscetível à permanentes alterações, ambos se encontram em mais um ponto em comum: a diversidade de criações e unicidade dos acontecimentos, revelando a grande importância do aluno e da plateia. Este professor planeja suas ações em aula, atento à qualquer sinal de interferência da turma, ao mesmo passo que, “trabalhando com roteiros básicos, gerais e esquemáticos, que se modificam de acordo com a interação com a plateia, o palhaço a cada função vai recriando, adaptando e reescrevendo as histórias.” (BOLOGNESI, 2002, p.176). Existe uma relação intensa e dinâmica entre o palhaço e a plateia, rompendo, necessariamente, a quarta parede⁴!

A quebra da quarta parede no trabalho do palhaço é essencial: ele joga e fala diretamente com a plateia, observando suas reações e respostas. Um comentário, uma risada mais alta, um adulto que permanece de óculos escuros, um cão que invade a cena em espaço público: tudo precisa ser considerado, cada detalhe pode e deve ser levado em conta (CASTRO, 2019, p.107).

⁴ Quarta parede é o nome dado a uma convenção teatral, definindo uma “parede imaginária” que separa os atores da plateia, impedindo a relação direta entre eles.

O que percebemos, então, é que a plateia também altera o caminho e participa da criação. A plateia também é componente ativo no espetáculo, ela que oferece subsídios potenciais para o andamento de uma cena palhacesca. Sem a plateia, não há jogo, logo, não há espetáculo. "A interpretação do palhaço é dependente do público. A proximidade e presença evidente da plateia [...] permitem ao palhaço um contato direto, com brincadeiras, correrias, escapadelas, etc." (BOLOGNESI, 2003, p. 173).

Analisando a dinâmica essencial do jogo do palhaço em cena, não equiparando os alunos à plateia precisamente, mas dando foco em sua relação, notamos grande semelhança na dinâmica que se estabelece entre o professor e sua turma. Tomo como exemplo este mesmo registro, em que este professor, em vários momentos, mostrou-se disponível para a escuta. Não há quarta parede na relação entre professor e aluno. O professor joga com o que a turma lhe oferece e, a partir dessa relação, modifica suas aulas, considerando suas próprias referências e a dos alunos para propiciar a associação de ideias. O jogo acontece quando professor, aluno e objeto de estudo estão em relação e se nutrendo a partir dela, como em uma dinâmica de triangulação⁵. Percebendo os indícios da quebra da quarta parede e a triangulação na prática docente, inclui-se os alunos como parte integrante e fundamental dos processos em aula.

O jogo é possível graças à relação que se estabelece entre palhaço, seu parceiro de cena e a plateia — e entre a turma e o professor. E, como em um jogo palhacesco, acordos são decididos e determinados pelos participantes (mesmo que esta decisão se dê de forma inconsciente em virtude da dinâmica do próprio jogo) e, assim, o aluno participa das ações e da "fabricação" do jogo. A turma é capaz de comprar a ideia da brincadeira proposta por este professor (como também já lemos em registros anteriores), e ainda acrescenta suas referências na composição da brincadeira-jogo.

O jogo normalmente é submetido a algum tipo de acordo, regras ou condições pré-estabelecidas para determinada situação. Para jogar, palhaço e público estabelecem entre si os códigos, sabendo o que se passa. Ciente das regras, os participantes podem desfrutar da ludicidade da cena e crer em saltos mortais e em copos d'água, em poderes mágicos absurdos, em truques

⁵ A triangulação é um tipo de relação que estabelece uma comunicação entre os artistas e a plateia. Muito comum ao palhaço, essa dinâmica inclui o espectador no espetáculo e pressupõe, necessariamente, a quebra da quarta parede. Possui este nome devido sua inspiração na estrutura triangular.

estapafúrdios ou em incríveis pulgas acrobatas, tão habilidosas quanto invisíveis (CASTRO, p. 109, 2019).

A exemplo do registro, o professor, em seu estado de presentificação e disponibilidade, propõe a ideia de exercitarem o conteúdo aprendido sobre elementos musicais a partir do repertório musical dos alunos. Ele não esperava que assim fosse sua aula com a turma do 4º ano, mas jogou com as possibilidades dispostas no dia, em favor das formações e associações de conhecimentos pelos alunos. Quando menos esperava, estava se questionando sobre a natureza dos urubus. Até a busca pelo som dos urubus, vários foram os caminhos que levaram a turma até esta dúvida — caminhos que partiram do roteiro inicial do professor e se transformaram pela ação direta dos alunos. Na verdade, nem ficamos sabendo qual seria a aula planejada por este professor, pois, antes que nos apresentasse em seus registros, ele já a alterou perante o pedido dos alunos!

É certo que, todas as possibilidades de criação tomam um rumo a partir de um roteiro — seja ele um roteiro de palhaço ou um roteiro de aula. Mas sua constante possibilidade de transformação é suscitada pelo imprevisto. Como o roteiro de ambas as figuras não é fixo, ele ganha novos contornos conforme o jogo se instaura, e tudo isso sofre interferência das relações com determinado espaço-tempo e indivíduos envolvidos. O imprevisto é o ponto chave para criar a partir do que o mundo nos oferece!

[...] Devido ao alto grau de improvisação e interatividade, os palhaços lidam com os fatos em tempo real, podendo comentar e dividir seus pensamentos com o espectador. Uma criança que chora na plateia, um celular que toca, a participação de um voluntário na ação... incontáveis situações podem irromper, propiciando reflexões diversas — sejam sobre o próprio fazer artístico, sejam sobre questões mais gerais (CASTRO, 2019, p.104).

Para jogar com a turma, o professor se utiliza do imprevisto para lidar com os diferentes acontecimentos em sala de aula. A própria sala de aula é um ambiente que pede sua prontidão para o imprevisto — ela é o lugar do imprevisto. E não tomo a imprevisibilidade como algo ruim, ao contrário, ela anuncia as diferentes personalidades que compõem uma sala de aula, além de possibilitar os mais diversos pensamentos e associações.

Todo o imprevisto requer um repertório, e com certeza se estivéssemos lendo um registro de outro professor teríamos outro material, indicando outra maneira de

lidar com a turma. Retomo à nossa conversa anterior, reiterando a vasta pluralidade de professores e que, também como o palhaço, atua segundo suas vivências e características únicas. Seu repertório para o improviso, solicitado pelo jogo, surge a partir de suas referências e atravessamentos da vida.

Cada palhaço é único e absolutamente ligado à identidade do seu criador, e esta personalidade gera, na prática, uma multiplicidade de criações originais. Assim sendo, as possibilidades de caracterização, a forma de conduta e o jogo com elementos podem alcançar infinitas variações (CASTRO, 2019, p. 101).

A particularidade de cada professor também é potência para o jogo! Dessa maneira, percebemos que o jogo também é resultado do saber de cada indivíduo. O improviso manifesta-se em decorrência da constante transformação dos acontecimentos. Cada acontecimento será, portanto, único em sua circunstância, invocando a participação de todos os envolvidos no jogo, de forma curiosa e criativa. Conclui-se, então, que, em cena, “cada ação se inscreve numa conjuntura própria de realização e recepção e será condicionada pela situação em que acontece” (CASTRO, 2019, p.106), e o mesmo se manifesta em sala de aula. Assim, nomeio a dinâmica em aula como jogo devido sua necessidade de invocar os envolvidos, em uma troca ativa, em que todos são jogadores capazes de interferirem no jogo a partir de suas vivências pessoais. Acordos se estabelecem, a escuta é imprescindível e o improviso é seu pressuposto.

Todas essas dinâmicas e relações aproximam os indivíduos envolvidos no jogo como cúmplices. Todos são capazes de interferir nos acontecimentos de maneira imprevista ou improvisada. Mas, e quando o imprevisto se apresenta como uma falha? Em meio a reações espontâneas, a falha é uma possibilidade que todos estão passíveis. Sendo assim, e se o professor cometer um “errinho” que seja? Em vista da pomposidade professoral que já comentamos, pode soar como uma afronta, mas, para o palhaço é sinônimo de deleite, pois o erro é seu parceiro de cena.

NÚMERO 5

QUANTO MAIOR O PALHAÇO, MELHOR O TOMBO

Segunda-feira, 11 de novembro.

Hoje eu cheguei na maior animação! Semana passada começamos uma montagem teatral para apresentar no fim do semestre para a escola toda. Bom, esse é o plano, a não ser que a escola nos impeça! Por enquanto está tudo certo, e os alunos bem animados porque a montagem é praticamente um compilado de cenas que eles mesmos escreveram e colocaram em prática. Tá bem divertido.

Continuando, hoje eu estava com mais animação ainda pois seria nosso primeiro ensaio com os figurinos e elementos das cenas. Eu levei parte do material, mas cada aluno levou um pouquinho de coisa também. Ah, e mais um detalhe: conseguimos passar as cenas com tranquilidade no pátio, o que é bem raro, já que, como eu falei, a escola sempre quebra nossas pernas, né? E falando em quebrar as pernas, mudamos uma das cenas por minha causa. Não foi na intenção, só aconteceu, sabe?

A cena do Arthur é algo bem selva, e o Arthur é uma espécie de Tarzan (ele não gosta quando eu digo isso). Parece que o personagem estava perdido numa mata depois de se acidentar, estava delirante e monologava de lá pra cá segurando um galho como bengala. Não me recordo agora de que filme ele tirou sua inspiração, mas certamente não foi de um filme super-herói porque, se fosse, ele não

ia sofrer tanto pra fazer uma travessia no rio. Aí que tá! O Arthur estava sem ideias pro seu personagem atravessar um rio (um rio que ele mesmo delimitou com uns tecidos), então eu tentei ajudá-lo com ideias, e propus que ele simulasse um salto com vara porque ia ficar legal. Mas não era pra ser um salto com vara de verdade, né? A vara só ia servir de apoio pra ele dar uma corridinha e chegar no outro lado do rio.

A ideia era boa e combinava com o cenário que ele criou, mas o Arthur não conhecia o salto com vara e ficou até assustado pensando que eu estava falando bobagens. Foi aí que eu expliquei do que se tratava e ele pediu pra que eu fizesse a cena pra ele ver como ficaria mais ou menos. Eu fui falar com a Dona Ana pra pedir uma vassoura, porque certamente o galho do Arthur quebraria no salto (um pouco depois eu descobri que existem coisas piores a se quebrar). Ela me entregou a vassoura, mas achou esquisito quando eu desrosqueei as cerdas e só levei o pau embora.

Estava na maior confiança porque sempre me dei muito bem com ações corporais no teatro. Foi aí que cometi meu primeiro erro! Chamei a turma toda do 8º ano (que estava ensaiando e arrumando os cenários) para que assistissem nossa cena experimental, e depois pudessem opinar para enriquecer a cena do Arthur. O segundo erro foi quando eu atendi à ideia da Bete, pra correr fazendo meu som animal enquanto eu pegava impulso. Mas eu achei a ideia tão boa que resolvi arriscar. Tomei distância, enchi o

peito de ar e dei uma corridinha soltando um animalesco "AAAAAAAH!"

Esse foi meu terceiro erro. Em questão de segundos, eu estava de bunda no chão. Eu me espatifei porque o pau da vassoura escorregou no tecido do rio. Todo mundo riu bastante, acharam a cena ótima e disseram que tinha que entrar pra nossa montagem. Como não foi nada grave, eu me levantei e fui falar com o Arthur. Ele disse que o salto com vara não ia rolar pelo perigo, mas adorou a ideia da queda e vai colocar em sua cena, para, segundo ele, "fazer o povo rir".

Bom, talvez não tenha sido uma ideia tão ruim assim. O que importa é que a cena dele ganhou novos contornos e já está atraindo público pela escola toda depois que quebrei a traseira no chão. Semana que vem ele vai trazer mais alguns detalhes para compor seu cenário, como novos galhos, porque ele riu tanto que quebrou o que tinha. Isso significa que sua cena logo mais estará prontinha para a apresentação. Mas agora fiquei pensando aqui... Será que alguém devolveu o pau de vassoura da Dona Ana?

—

Como viemos conversando, uma das características inerentes ao jogo deste professor palhaço é a imprevisibilidade, que está constantemente solicitando sua atenção no espaço-tempo presente. Ele está sempre em jogo: quando entra em sala e modifica seu planejamento em razão de alguma necessidade ou dúvida, quando lhe faltam materiais, ou quando tem ideias mirabolantes para o andamento das aulas. E com a turma não é diferente, pois ela está sempre em contato direto com essas dinâmicas. Dentro desse jogo, muitas variáveis são possíveis e algumas nem sempre são tão desejadas. Falo isso em relação a ideia de utilizar um cabo de vassoura em

uma ação para incrementar um espetáculo teatral. Ao utilizar o tal cabo, o professor lidou com o risco de não ser uma ideia assim, tão genial. Aqui, tivemos ainda um duplo risco! O do erro, em virtude de sua ideia inicial não dar certo, e o de se espatifar no chão. E, embora o acontecido pareça ter sido falha total, trouxe novas reflexões para todos os envolvidos e possibilitou uma outra criação para a montagem da cena.

Dessa forma, a imprevisibilidade também incorpora a possibilidade da falha, do erro. E não descarto sua importância para a prática docente! O imprevisto é parte importante da performance do palhaço, e o erro é seu material de jogo. “Existe um risco real dentro do contexto de cada apresentação, já que as circunstâncias de atuação variam de acordo com as forças ativas presentes.” (CASTRO, 2019, p. 103). O que extraio desta observação é que, de maneira semelhante, o erro importa às duas figuras - professor e palhaço — e o risco viabiliza os mais variados acontecimentos.

Discutimos o erro que se manifestou neste dia específico e que, no fim das contas, mostrou-se como inspiração à criação do aluno. Embora a pomposidade professoral condene o erro, ele é visto por este professor com naturalidade e serve de material para continuar a montagem do espetáculo. A falha, portanto, também é um potente componente de criação e transformação do jogo. O professor se assemelha ao palhaço pois este, “relacionando-se e improvisando, não somente se expõe a riscos e fracassos, mas, sobretudo, faz do erro matéria prima de sua criação.” (CASTRO, p. 103, 2019). Quando o palhaço tenta um salto mortal e termina em um tombo espalhafatoso, ele se aproveita do fenômeno e brinca com ele, convidando a plateia e parceiro de cena a fazer parte de sua lógica brincante e transgressora.

O erro denota a capacidade de tentar, criar e se reinventar. Um professor que se dá o direito de errar, naturaliza o erro e estimula a turma a continuar em suas tentativas. A turma recebe o erro como parte da dinâmica e se lança no jogo com maior disponibilidade. Mesmo que seu primeiro resultado seja um tombo, a ideia de realizar a travessia com o auxílio de um cabo de vassoura rendeu novos sentidos à montagem, e ainda despertou o riso da turma. Em um espetáculo de palhaço, espera-se que a plateia estoure em risadas, mas e em sala de aula? Por isso não posso passar por este registro sem destacar o que o riso pode proporcionar! Não somente o riso que decorre deste tombo atrapalhado, mas sim de qualquer riso que escape à lógica da seriedade escolar e professoral. Não há como ignorar o riso que surge de maneira espontânea, e o incluo, portanto, como parte integrante desta dinâmica, pois o riso também é potência geradora-criadora.

Assim como o erro é uma possibilidade iminente do jogo, o riso também pode se revelar como um partícipe. “O palhaço tem um único objetivo: buscar o riso da plateia” (BOLOGNESI, 2003, p. 174), o que, seguramente, indica que o riso é uma manifestação constituinte do jogo palhacesco. Seu riso não só diverte, mas denota uma identificação com seu espectador e subverte lógicas e sistemas sociais os quais estamos inseridos. Para o professor, o riso nem sempre é bem visto, mas, como aqui tomo a liberdade de equipará-lo à figura naturalmente transgressora do palhaço, não hesito em afirmar que o riso em aula pode ir muito além do que a pura manifestação da graça.

A priori, identifico no riso um impedimento à fixação da máscara social do professor — e o conseqüente desvelar do nariz vermelho — entrando como um questionador de seriedade. Para este mesmo professor, esta seriedade fora questionada quando ele colocou em evidência seu ridículo pessoal: sua curiosa coceira. O riso tem possibilidade de transformação do sério, relativizando-o e questionando hábitos e convenções — que se querem sérias!

O riso polemiza com o sério, entra em contato com o sério, dialoga com o sério, com essa linguagem elevada que pretende envolver o mundo e compreendê-lo e dominá-lo, com essa linguagem canonizada aceita que não duvida de si mesma. O riso desmascara essa linguagem, retira-a de seu lugar, de seus esconderijos, a expõe ao olhar como ela é, como uma casca vazia (LARROSA, 2003, p.178).

Enxergando no riso uma possibilidade de transgressão, em sala de aula, ele acaba por transformar as relações, instigando a formação de pensamento e associação de ideias. Optar por uma prática docente risível também proporciona o prazer da experiência do ensino-aprendizagem. Desta forma, o riso pode ser encarado como uma possibilidade de ensino que se pretende em constante transformação. E, este professor, assim como o palhaço, dá brechas para que o riso se manifeste, mesmo que soe provocativo. A liberdade de rir incita a formação de saberes, colocando conhecimentos (ou ideias dadas como certas) em dúvida.

O riso destrói certezas. E especialmente aquela certeza que constitui a consciência enclausurada: a certeza de si. Mas só na perda da certeza, no permanente questionamento da certeza, na distância irônica da certeza, está a possibilidade do devir. O riso permite que o espírito alce voo sobre si mesmo (LARROSA, 2003, p. 181).

O riso ressoa, e o tombo aqui registrado é apenas um pequeno indício da constante possibilidade do riso em aula. O jogo, como assim justifiquei anteriormente, invoca a ludicidade, a curiosidade e a criatividade para intervirem nos acontecimentos, dado os imprevistos que podem surgir em cada situação! O imprevisto, então, é parte fundamental da dinâmica, bem como a relação entre seus jogadores. Diante da imprevisibilidade, o erro e o riso são manifestações legítimas. Na verdade, o risco do fracasso e o riso são reverberações do jogo do palhaço e deste professor, e eles culminam em um ponto importante de nossa conversa: o testemunho da manifestação mais humana presente em ambas as figuras...

NÚMERO 6

O QUE SERÁ QUE VEM AÍ?

Quinta-feira, 13 de maio.

Essa semana foi bem cheia, acho que não me organizei direito e esqueci alguns materiais que levaria na aula de hoje, daí eu mudei o planejamento do dia. Esqueci minha marmita com brócolis em cima da mesa da cozinha também, então tive que improvisar alguma coisa na cantina da escola, mesmo sem estar com muita fome. Deve ser porque eu não dormi. Tem acontecido umas coisas chatas comigo.

Como eu estava com a cabeça atrapalhada, perdi alguns minutos até entrar na sala, e, quando eu cheguei na porta, o 9º ano me recebeu com uma maçazada na barriga. Parecia piada, já que, normalmente, professores são presenteados com maçãs e não nocauteados por elas. Eu já estava sem paciência, então entrei na sala e não vi mais nada! Não vi quem jogou, de onde a maçã veio, só coloquei minhas coisas na mesa e dei um berro pra que todos sentassem! A sala estava uma bagunça e eu nem tinha como descobrir quem fez aquilo.

Eu dei uma bronca na turma e disse que o que fizeram é um grande desrespeito, aí eles pediram desculpas e começaram a se acusar, o que foi me enlouquecendo ainda mais. Comecei a me coçar tamanho nervoso com aquele monte de acusações e defesas, parecia mais um tribunal! Até que o Júnior disse que tinha sido ele, mas que foi sem

querer porque ele nem sabia que eu já estava entrando na sala.

Na hora eu perdi as estribeiras e dei altas broncas nele. Percebi que depois da bronca ele abaixou a cabeça e ficou escrevendo no caderno, daí não liguei muito. Só depois eu vi que ele ficou bem triste. Depois eu acabei ficando também.

O Júnior estava chorando quietinho. Eu me senti mal por ter brigado com ele daquele jeito, aí resolvi chamá-lo pra conversar lá fora. Sabe, nesses momentos eu tenho dúvida do lugar que estou. Acho que se fosse outro professor, até mesmo a Nilce, eles fariam diferente, talvez fariam melhor. Será que eu precisava me alterar mesmo? Já nem sei, mas foi como aconteceu!

Nós conversamos, eu pedi desculpas e ele aceitou. A turma ficou feliz quando fizemos as pazes. Um bom tempo de aula já tinha passado, então propus que terminassem de confeccionar as mandalas da aula passada. Achei mais fácil porque nem eu estava com a cabeça boa pra começar uma matéria nova. Não quero pensar que estou agindo de forma errada, mas eu realmente não daria conta hoje. E vou confessar uma coisa, viu? Às vezes eu tenho medo de não dar conta no dia seguinte. Mas, quando eu paro pra pensar nisso, vejo que já estou no dia seguinte. Então não sei de nada, é bem maluco. Antes de sair da sala, a Nina perguntou se a gente poderia expor as mandalas que fizeram. Não prometi nada, porque não depende só da gente, né? Mas eu disse que ia correr atrás disso. Enquanto eu estava levantando pra ir embora ela ainda completou no

fundo da sala: "as mandalas estão lindas! Quero saber o que faremos na aula que vem!"

Nem eu sabia! Mas dei um sorriso de ponta a ponta. É sempre bom ouvir que de alguma forma eles gostaram das atividades! Até mesmo porque nem sempre as coisas saem como a gente quer, e cada dia é um dia, né? Acho que pra hoje eu só tenho duas certezas: que fiquei com bastante empolgação para a próxima aula, e que em cima da mesa da cozinha a marmitta mais azeda do mundo me espera!

—

Por um momento, este professor coloca sua posição de educador em dúvida. Diante do que considera como erro, por não chegar em aula tão entusiasmado, sente que talvez não esteja de acordo com a postura docente. Mas, como já estamos conversando há um tempão, a seriedade professoral, aqui, já foi rompida. É natural que haja a dúvida e o questionamento, pois estes são pontos que rondam a prática docente, e incorporar a possibilidade da dúvida faz parte de seu movimento. O professor que está sempre certo de si, estaciona, não se deixando questionar pela imprevisibilidade dos acontecimentos em aula.

Quando este professor escuta a fala de uma das alunas, se anima novamente, pois fica feliz em saber que suas propostas interessaram a turma. Talvez ele ainda esteja apegado à ideia de que para ser um "bom professor" deve se ensinar algo que provoque determinados saberes. Mesmo registrando suas vivências em aula, não se deu conta de que já se encontrou no seu próprio caminho, tendo seu jeito particular de enxergar os acontecimentos.

Dentre suas características, a generosidade se faz presente em todos os momentos. Não a falsa generosidade⁶ de que fala Freire, mantenedora da estrutura bancária no ensino-aprendizagem, mas a generosidade autêntica, de quem oferece

⁶ Para Freire, na falsa generosidade, termo por ele elaborado e discutido em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, o docente estabelece uma relação que reproduz a do opressor e do oprimido. Colocando-se como detentor do conhecimento, o docente, falsamente solidário, apresenta o conhecimento aos alunos, reforçando a estrutura de educação bancária.

genuinamente aquilo que tem. Disposto a fomentar a prática docente, compartilha seus conhecimentos e os conecta às referências da turma. Ele está vivo no jogo! “O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve.” (FREIRE, 2002, p. 34). Em suas aulas, este professor instiga a participação da turma toda, e a relação entre todos é de troca e compartilhamento.

Para o palhaço, a generosidade está em seu íntimo. Ela está presente em seu erro, no riso que provoca e em tudo o que oferece à plateia. Tudo isso salienta sua vulnerabilidade, e, por isso, ele é passível das mais excêntricas situações e brinca-joga com o que o atravessa. O questionamento da sua realidade também faz com que ele se coloque em movimento. O palhaço é a inocência humana em cena atravessada pelos acontecimentos ordinários da vida. Logo, mais importante do que o fim do espetáculo, são os caminhos que se delineiam até alcançá-lo, pois “a obra acabada — quando existe — é apenas um vestígio de um processo muito maior: a criação do palhaço, que se dá de forma continuada.” (CASTRO, 2019, p. 102). Provavelmente, este professor não tenha se dado conta da importância dos processos que o trouxeram até aqui. Seu trabalho não é, assim, tão diferente daquele que o palhaço faz: mais do que observar o resultado final, o jogo que se desenvolve pelo caminho durante sua prática docente é o que nos interessa. Para ambos, “o processo é mais importante que a peça acabada.” (CASTRO, p.103, 2019). Nesses processos, o nariz vermelho arranja espaço para se mostrar, revelando a humanidade que ali reside.

Como qualquer outra pessoa, o professor ainda é passível de acontecimentos que o aborreçam e o chateiem. O estado do professor também é reflexo de sua vivência diária. Suas aulas também serão resultado deste seu estado. Em alguns dias, ele pode ficar cabisbaixo e pensativo — como um palhaço que, depois de muito tentar, não consegue executar seu salto mortal e se desanima — mas, logo em seguida, deixa-se envolver pela dinâmica e retoma com suas inquietações. O palhaço, mesmo com todo o pesar, não se deixa esmorecer, e é neste percurso que este professor se encaminha.

Em momento algum este professor desconsidera o que o mundo lhe apresenta, e está atento a todas as interferências que o atravessa. Ele, de maneira sincera e humilde, estabelece uma relação que permite a curiosidade e investigação dos alunos. Existe uma nutrição mútua de conhecimentos! Em vista desta afirmativa, apresento as considerações de Freire:

O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância. Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem (FREIRE, 2002, p. 28).

Este professor, vulnerável aos acontecimentos em aula, brinca, investiga, cria, falha, e se reinventa. Por tudo isso o vejo como um palhaço, mas o que reforça essa semelhança é que, em sua simplicidade, dá-se o direito de ser humano. Sua percepção das aulas é a constante possibilidade de transformação e devir. Afinal, como ele mesmo afirma, cada dia é um dia, e nunca saberemos como ele será até que chegue. Lidar com a imprevisibilidade não é regalia do jogo, mas sinalização do fluxo da vida. E assim caminha este professor na fluidez de suas aulas, tal como um palhaço, permite que o jogo seja preenchido pela própria vida.

APOTEOSE

Depois de apresentar todos os “registros que encontrei”, sinto que este é o momento de retomar os pontos apresentados em cada número, para que eu possa arrematar minha primeira ideia — de que este professor é um palhaço!

Dentro da sala de aula, ele se coça, com coçadinhas atrevidas nas partes mais peculiares do corpo. Agora, ele já nem se importa mais, ao contrário, inclui suas coceirinhas como parte do seu dia a dia, assim, com grande naturalidade. Seu olhar cotidiano para as aulas é transformado quando a ludicidade toma conta. Atento ao seu entorno, sempre cheio de curiosidade, avança para os mais diversos contextos, deixando-se levar por sua criatividade! À vista disso, dá-se o jogo!

Neste jogo, o professor e toda a turma estão em constante relação de troca e construção. Ninguém fica de fora, nada é ignorado e tudo é incluído, e, por isso, lidar com o imprevisto é o componente mais esperado! E dentro do jogo tem de tudo: encontrar um pontinho amigo para bater um papo, tomar um café com pãezinhos enquanto escuta as histórias mais malucas, orquestrar uma turma de bichos, puxar uma coçadinha no sovaco esquerdo enquanto admira desenhos, dar uma bronca e pedir desculpas, até escorregar e cair de traseira no chão. Acrescento ainda que em todas as possibilidades ele também pode errar, e errar bonito! Errar de fazer rir! Isso não altera seu movimento: ele levanta, sacode a poeira, dá uma coçadinha e começa outra vez. Essa é sua dinâmica, e ela não é uma dinâmica impositiva, mas generosa em tudo o que propõe e oferece.

E é isso mesmo, foi nessa simplicidade toda que encontrei a grande semelhança. O palhaço tudo transforma, e a transformação é fruto de sua humanidade. Ele reflete tudo o que tentamos esconder, tudo aquilo que nos faz humanos. Para a prática educativa essa postura é uma grande facilitadora, pois favorece a tentativa e o prazer no aprendizado, suscitando a possibilidade de humanizar as relações em sala de aula, de maneira agradável e otimista. Quando reconhecemos nossa humanidade, podemos aprimorá-la. Isso não quer dizer tornar-se perfeito, ao contrário, é perceber que nossas falhas nos aproximam como pessoas que somos.

A verdade é que, onde o nariz vermelho aparece, a transformação acontece. Há quem duvide que cada dia registrado aconteceu, assim, desse jeitinho. Mas,

acredite se quiser, tudo se deu desse jeitinho mesmo! E reitero minha primeira fala, nossa conversa não foi bisbilhotice, mas uma apreciação dos episódios da vida, vividos conforme um palhaço. E para você, que acompanhou este diário em registros espetaculares como eu, que, assim como este professor, possamos cair, coçar, questionar e reinventar, sempre deixando o nariz vermelho passar!

REFERÊNCIAS

BOLOGNESI, Mário F. **Palhaços**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOLOGNESI, Mario F. Philip Astley e o circo moderno: Romantismo, guerras e nacionalismo. In: **O Percevejo (online)**, v.1, n.1, 2009. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/496/421> Acesso em: 23/01/2022.

CASTRO, Alice V. **O Elogio da Bobagem - palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2005.

CASTRO, Lili, **Palhaços: Multiplicidade, performance e hibridismo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2002. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf> Acesso em: 23/01/2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf> Acesso em: 23/01/2022.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LECOQ, Jacques. **O Corpo Poético: Uma Pedagogia da Criação Teatral**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010

OLENDSKI, Luciane Campos. O Mundo Sério e os Palhaços: Humor, Diversão, Distração e Riso Vital. **Revista Arte da Cena**, Jul-dez/2019, v. 5, n. 2, p. 100-129, disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce> Acesso em: 23/01/2022.

WUO, Ana Elvira. Comicidade: Do “Corpar” Clownesco Como Princípio Móvel, Flexível, Risível e Espontâneo Na (Des)formação do Ator. **Ouvirouver**, Uberlândia, v.9, n. 1, p. 108-116, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abd/a/ZswDqn5QsZ69krHHgsVxSPw/abstract/?lang=pt> Acesso em: 23/01/2022.

WUO, Ana Elvira. **Clown: “Desforma”, Rito de iniciação e passagem**. Tese de Doutorado, Artes da Cena, Instituto de Artes da UNICAMP. Campinas, p. 220, 2016. Disponível em: http://btdt.ibict.br/vufind/Record/CAMP_a3b5fcac353e2e490aab07e90729d5dc Acesso em: 23/01/2022.

NOTA AO LEITOR

Para discutir e refletir sobre a aproximação destas duas figuras, professor e palhaço, tomei a liberdade de criar um personagem fictício, “o professor de arte”, que compartilha seu cotidiano em sala de aula. Este personagem condensa em si a emanção de tantos outros professores que conheci, bem como minha vivência docente, refletindo o que acredito ser um caminho à prática educativa.

Inspirada em minha trajetória docente e palhacesca, com histórias que ouvi, vivi e imaginei, criei narrativas ficcionais para discutir, criativamente, sobre a ideia de professor palhaço. Portanto, decidi mesclar realidade e imaginação em uma espécie de diário do professor, apresentado, neste trabalho, como números de palhaço!

Assim, optei por não enfatizar seu caráter fabular no início deste trabalho, por acreditar que, desta forma, o leitor possa despertar ainda mais sua curiosidade durante sua experiência com esta leitura.